UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

MICAELA DE JESUS OLIVEIRA

Nossa Herança

Memorial Descritivo

Abril/2014
Cachoeira- Bahia

MICAELA DE JESUS OLIVEIRA

Nossa Herança

Memorial Descritivo

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial Descritivo apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, como pré-requisito para obtenção título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Profª. Marina Mapurunga de Miranda Ferreira.

Abril/2014

Cachoeira- Bahia

MICAELA DE JESUS OLIVEIRA

Nossa Herança

Trabalho de Conclusão de Curso- Memorial Descritivo apresentado à Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovado em ___/ ___/ ___

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª Me. Marina Mapurunga de Miranda Ferreira(Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

_____
Profª Dr. Roberto Lírio Duarte
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

_____
Profº Dr. Danilo Silva Barata
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

Conceito final: _____

Dedico este trabalho aos meus pais Alfredo Brandão e Maria de Lourdes.

E a todos os homens que perderam suas vidas em busca do ouro nas serras de Jacobina.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Alfredo e Lourdes. Pelos exemplos, pelo apoio e por todo amor que sempre me deram.

Ao meu filho Alfredinho. Pelos beijos e amor que me dá todos os dias, eles são a minha fonte inesgotável de energia.

A Ramires Barbosa, meu companheiro, amigo e amor. Por todo esforço, carinho e dedicação.

As minhas irmãs, Dida, Deda e Kerly. Pelo companheirismo e amizade.

A minha equipe. Ronne Portela, Tainã Milena, Alfredo Brandão André Lima, e Marina Mapurunga. Pela troca e confiança, sem eles este trabalho não seria realizado.

A todos aquele que contribuíram ao processo de filme. Sara Farias, Rubia, Dona Mariquinha, Dona Nelci, Adailton, Maria das Graças, Leonice Nascimento, Maria Soares, Francisca Jucelia, Anizaildes Cardoso, Maria de Lourdes, Laís Lima, Geovane Peixoto, Luciano Macêdo, Danielle Rodigues, Larissa Oliveira, Lucas Reis. E a todos aqueles que contribuíram de alguma maneira na realização deste projeto.

Aos professores, queridos mestres, que de alguma deram a sua contribuição na concretização deste trabalho. Em especial Amaranta César pelas dicas que me fizeram chegar a este filme e Marina Mapurunga, minha orientadora, que se tornou mais que uma professora, uma minha amiga, obrigada pelo apoio.

Ao apoio da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

As minhas amigas assistentes sociais Luanna Braga e Larissa Bárbara pela amizade.

E aos queridos amigos da minha turma de cinema O CINE 18. Em especial, Lucas Reis, Wendel Gomes, Daniela Pereira, Larissa Oliveira, Lais Lima, André Lima, Bruno Machado e Leandro Alex, pela amizade.

E ao inesquecível Henrique Roza, pelos risos e pelos abraços.

Os filmes documentários não são apenas "abertos pra o mundo" eles são atravessados, furados, transportados pelo mundo.

Jean-Louis Comolli. *Ver e Poder*, 2008.

RESUMO

Este memorial consiste na trajetória de produção do documentário *Nossa Herança*. O filme documentário retrata o drama vivido por duas viúvas, Dona Nelci e Dona Mariquinha, de ex- funcionários da empresa Morro Velho, que faleceram em decorrência da silicose. O documentário trará uma discussão sobre como a silicose, doença causada pela inalação da sílica, afetou e afeta até os dias atuais a vida dessas mulheres, mostrando as marcas deixadas pela doença, a dor da perda e as dificuldades que elas viveram com seus filhos. Além disso, o filme resgatará através das memórias, a convivência no âmbito familiar, as experiências de trabalho vividas pelos maridos dentro da empresa, o período de doença deles e a negligencias com os mesmos e com suas famílias.

Palavras-chave: Documentário; Viúvas; Silicose.

ABSTRACT

This memorial is in the path of production of the documentary "Our Heritage". The documentary portrays the drama lived by two widows, Nelci and Mariquinha. Their Husbands were employees Fo the company Morro Velho, they died because of silicosis (a diesase that attacks the lungs). The documentary draws a discussion about silicosis, a disease caused by the inhalation of silica whereupon and how it affected the present life of these women, showing the marks left by the disease, the loss pain and the difficulties they lived with their children. Furthermore, the movie rescues, through the memories lived by the family, work experiences by husbands in the company, the period of their desease and negligence with them and their families.

Keywords: documentary; widows; Silicosis

LISTA DE SIGLAS

CAHL – Centro de Artes Humanidades e Letras

CESAT – Centro de Saúde do Trabalhador

DIRES – Diretorias Regionais de Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Custos 27

TABELA 2 - Lista de Equipamento 28

TABELA 3 - Cronograma de Primeira Etapa das Filmagens 29

TABELA 4 - Cronograma da Segunda Etapa das Filmagens 31

LISTA DE FIGURAS.

FIGUR A 1 – Dona Nelci.....16

FIGURA 2 – Dona Mariquinha.....17

FIGURA 3 – Pichação no muro.....34

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO..... 12

1.1-Trajetória Acadêmica 12

1.2-O Filme 14

1.3-Doc. Nossa Herança – DESCRIÇÂO.....16

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 12

2.1-O Gênero Documentário 12

2.2-A montagem 23

2.3-O som 24

3 RELATO DE PRODUÇÃO 26

3.1-Pré-produção 25

3.2-Produção 29

3.2.1-Primeira etapa de filmagem em Jacobina 29

3.2.2-Segunda etapa de filmagem em Jacobina 31

3.3 Pós-produção 32

3.3.1-Edição/Finalização 32

4 CONCLUSÃO 35

REFERÊNCIAS 37

Filme de Referências.....39

ANEXOS 40

Anexo 3- Maria Soares.....40

Anexo 4- Francisca Jucélia.....41

Anexo 5- Maria de Lourdes.....42

Anexo 6- Anizaildes Cardoso.....43

Anexo 7-Maria das Graças.....44

Anexo 8- Cleonice Nascimento.....45

1. Apresentação

1.1 – Trajetória Acadêmica

Ao concluir o ensino médio em 2006, não tinha noção do que iria fazer, a única certeza que eu tinha era que iria continuar estudando. Então, ingressei num curso pré-vestibular, tentei alguns vestibulares, todos na área de saúde, mas, não era isso que o destino me reservava, então continuei no curso.

No período de vestibular, já do ano de 2008, entrei no *website* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia para ver quais eram os cursos ofertados, então encontrei Cinema e Audiovisual e pensei: "por que não tentar?". Fiz a prova sem nenhuma expectativa e após cinco dias da divulgação da lista dos aprovados fui conferir e vi minha aprovação. Na hora senti um misto de alegria e apreensão. Alegria por finalmente ingressar em uma Universidade Federal e apreensão por não saber o que me esperava no curso de cinema. Então, no dia 21 de setembro de 2009, cheguei à Cachoeira para viver essa nova experiência.

Fazer parte da segunda turma do curso de Cinema e Audiovisual da UFRB foi sem dúvida um desafio, pois, ingressar numa Universidade e em um curso recém criado exigia acima de tudo determinação. Foram muitos os obstáculos, estávamos com um currículo que mudava constantemente e com um número reduzido de equipamentos.

Mesmos assim, já no primeiro semestre tivemos duas disciplinas específicas: Cinema Mundo; Linguagem e Expressão Cinematográfica I, ministradas respectivamente por Amaranta César e Angelita Bogado. Na disciplina Cinema Mundo, tivemos um apanhado geral sobre a história do cinema mundial, bem como, os principais movimentos cinematográficos e seus filmes clássicos. Em Linguagem e Expressão Cinematográfica, aprendemos como utilizar os recursos da linguagem cinematográfica e produzimos o nosso primeiro roteiro que foi baseado em um conto de Edgar Alan Poe que culminou em nosso primeiro filme de ficção no semestre seguinte.

Já no segundo semestre, tivemos o primeiro contato com um *set*[1] de filmagem no curso de Cinema e Audiovisual, na disciplina Linguagem e Expressão Cinematográfica II, no primeiro curta de ficção, *Um Outro Alguém* (2010). Fizemos também o nosso primeiro documentário, *Omi Orissá* (2010), na disciplina Oficinas Orientadas I, sobre

[1] Local onde se constrói o cenário e se realizam as captações de um filme

lendas e mitos do Rio Paraguaçu, no trecho que corta as cidades de Cachoeira, São Félix e Najé. Nesses dois trabalhos exerci a função de produtora.

Daí por diante transitei por diversas funções nas mais variadas produções. Pude atuar, além de produtora, como assistente de fotografia na ficção *Entre Mentiras* (2013) e no documentário *Um Outro Olhar* (2012), o qual também fui produtora. Também fui diretora de arte no curta-metragem de ficção *Doces ou Travessuras* (2012) e atriz na vídeo-arte *Vende-se uma casa* (2010).

Mas foi a partir das minhas participações no Festival de Documentário Cachoeiradoc, que ocorre desde 2010, realizado pelas professoras Amaranta César e Ana Rosa Marques dentro do Curso de Cinema e Audiovisual da UFRB, que meu interesse em produzir filmes do gênero documentário passou a ser recorrente. O contato com as produções contemporâneas nacionais fez-me notar as diferentes formas de linguagens utilizadas pelos diretores, bem como, os variados dispositivos que estavam presentes na suas obras, isso foi de fundamental relevância no momento de decidir produzir um documentário como forma de Trabalho de Conclusão de Curso.

Outro fator contribuinte ao anseio em realizar documentários foi participar das disciplinas Documentário I e II. Sobretudo, a disciplina Documentário II que é voltada para a história do cinema documentário com foco para as produções nacionais. Nesta, pudemos dialogar com grandes estudiosos do nosso cinema como Jean-Claude Bernardet, Consuelo Lins, Cezar Migliorin, entre outros, todos com considerações e pesquisas voltadas para o "amadurecimento" das produções documentais brasileiras. Também tivemos acesso às mais variadas produções, dentre as quais me chamou atenção obras como *Viramundo* (Geraldo Sarno, 1965), *A Opinião Pública* (Arnaldo Jabor, 1966), *Cabra Marcado Pra Morrer* (Eduardo Coutinho, 1964-85) e *Rua de Mão Dupla* (Cao Guimarães, 2004) que são consideradas filmes clássicos da cinematografia nacional por trazerem discussões sobre as relações de classes; o golpe militar e a criação de novos dispositivos fílmicos. E, ainda, filmes mais atuais como *Doméstica* (Gabriel Mascaro, 2012), *Pacific* (Marcelo Pedroso, 2009) *e A onda Traz o Vento Leva* (Gabriel Mascaro, 2010) que despontaram no cenário nacional como filmes que trazem discussões sobre o próprio tema do filme como o papel dos empregados domésticos e as relações entre patrão e empregado; o dispositivo que é utilizado e até onde ele funciona e as fricções entre documentário e ficção. Foi nesse momento que vi a possibilidade de realizar um filme documentário, pois com o embasamento teórico adquirido nestas disciplinas pude dar os primeiros passos nessa caminhada.

Durante a disciplina, que era bem dinâmica, líamos textos, assistíamos filmes que se relacionavam com os textos e discutíamos ambos em sala de aula. Essa interação entre filme e texto nos proporcionou pensar o documentário como forma de representação do mundo.

1.2 – O filme

Desde a infância, sempre ouvi histórias sobre a extração do ouro em Jacobina, cidade onde nasci e que está localizada no Piemonte da Chapada Diamantina, cerca de 330 km de Salvador. Junto a estas histórias, ouvíamos relatos de que dezenas de homens haviam contraído uma doença chamada silicose e por decorrência disso vieram a óbito, deixando filhos órfãos e viúvas. O fato de ter ouro na minha cidade sempre foi uma curiosidade para mim, sempre quis entender como era o processo de extração e as suas causas e conseqüências. Ouvia sempre falar sobre a doença, sempre tinha um vizinho ou um conhecido que havia contraído a silicose ou tinha falecido em decorrência dela. Por ser um problema que atingiu (e ainda atinge) muitas pessoas, decidi tornar visível essa história passando para as telas. Ao sair da cidade, para estudar cinema, carreguei comigo a vontade de dar visibilidade a tais histórias. E como fazer isso? Realizando um documentário que abordará essa questão.

Dentre as possibilidades de fazer o TCC, optei por produzir este documentário, pois, através dessa linguagem poderia aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação. Além disso, o filme documentário possibilita o confronto com o outro, há alteridade. Dessa maneira, poderia investigar e questionar sobre tais histórias que sempre me instigaram. Seria a oportunidade de, através do meu olhar, contar essa história e dar voz a essas mulheres que por muito tempo conviveram com essa situação.

Antes de realizar o documentário, foi importante para eu entender quais as circunstâncias em que a empresa Morro Velho, responsável pela extração do minério, foi implantada na cidade e o que é a doença chamada silicose. A empresa Morro Velho foi implantada em Jacobina na década de 1980. Até então, a extração do ouro era feita através de garimpagem. Nesse período, o Brasil passava por grandes mudanças, foi uma Era em que se pensava no “progresso” a todo custo, então nada mais comum do que uma multinacional implantada nesse “oásis” do sertão.

Com a implantação da empresa, homens de todas as regiões do país começaram a imigrar a Jacobina para trabalhar na mineração. Estes homens eram em sua maioria camponeses que viam nesse trabalho uma forma de melhorar de vida. Com esse discurso de desenvolvimento econômico, a empresa se consolidou na cidade de Jacobina. Na década seguinte, registrou-se o período de maior euforia em razão da crescente extração de ouro, além disso, o poder público municipal apoiava incondicionalmente a exploração da empresa. Dessa maneira, construíam juntas, poder público e empresa, a idéia de que a cidade precisava da mineração para se manter e se desenvolver.

De fato a mineração foi responsável pelo desenvolvimento da região, aumento de emprego, renda, superaqueceu o mercado e fez crescer a especulação imobiliária. Entretanto, junto com essas vantagens chegou também uma doença, a silicose, que de maneira devastadora entrou na vida de muitos sertanejos funcionários da empresa Morro Velho.

Na época da implantação, a imprensa local e estadual fez a divulgação do percurso que a empresa traçava, das pesquisas, dos estudos do solo, tudo era divulgado, contudo, o que não foi divulgado em nenhuma esfera da mídia foi o risco de contrair[2] de uma doença no ambiente de trabalho e que esta, por sua vez, poderia levar ao óbito quem a contraísse, tratando-se assim, um caso de negligência.

É recorrente relatos de que o corpo médico da empresa atestava laudos fraudulentos que, ao invés de atestar que o trabalhador estava com silicose, atestavam outras doenças respiratórias, na maioria dos casos, tuberculose.

> A silicose é classificada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma doença ocupacional, adquirida no ambiente de trabalho. É uma pneumoconiose decorrente da exposição agressiva a agentes químicos, com poeira e gases. Cientificamente é uma fibrose pulmonar produzida pela inalação de poeira e uma das pneumoconioses mais comumente encontradas no Brasil. É provocada pela exposição de indivíduos à sílica livre, encontrada na maior parte da crosta terrestre. A sílica é uma película mineral, encontrada em pedras, em areias. (FARIAS, 2008, p. 114).

[2] A contração ocorre devido ao contato direto com o pó da rocha sem a utilização das mascaras de segurança.

Não há um número preciso de quantos homens contraíram a doença e nem quantos vieram a óbito, pois muitos voltaram para sua terra natal e outros faleceram por problemas decorrentes da silicose, como falência múltipla dos órgãos, tuberculose e câncer. Sabe-se que ainda há um número considerável de homens com a doença e consequentemente o número de viúvas aumentará.

Após conhecer homens e mulheres que relataram quase que a mesma história, apenas mudando os "personagens", aumentou em mim uma inquietação já existente de documentar este fato. Incomodava-me a situação pela qual as viúvas e os mineiros que ainda estão doentes passam, o descaso da empresa, os processos que se arrastam por décadas e o "silêncio" da cidade (na figura do poder público) que não contribui para mudar este quadro. Esses pontos foram minha maior motivação para realizar este trabalho. Esta foi a maneira que encontrei para dar voz a estes cidadãos "esquecidos".

1.3 – Doc. Nossa Herança. DESCRIÇÃO

O documentário *Nossa Herança* traz o relato de duas mulheres Dona Mariquinha (Ver Ilustração 1 – Dona Mariquinha) e Dona Nelci (ver imagem 2 – Dona Nelci) que se tornaram viúvas após seus maridos, Francisco e César respectivamente, trabalharem na empresa Morro Velho e contraírem a silicose e em decorrência dela irem ao óbito.

Ilustração 1 – Dona Mariquinha

Fotógrafa: Micaela Brandão

Ilustração 2 – Dona Nelci

Fotógrafa: Tainão Milena

Este documentário nasceu do desejo de contar uma parte da história de minha cidade. História de muitas famílias que tiverem que conviver com a perda de um dos membros, o homem, o pai, o provedor do lar, o companheiro e amor dessas mulheres.

O eixo da memória tem um papel fundamental na narrativa. Através dela, as duas mulheres retomam como era o convívio em família, a jornada de trabalho dos maridos, as dificuldades depois da morte deles e como cada uma vive atualmente.

Suas falas se transformam no decorrer do filme, vão do saudosismo à revolta. São saudosas, quando relembram como conheceram seus maridos e como era a relação do casal. Tornam-se tristes, quando relembram os momentos difíceis e mais críticos da doença. Mostram-se revoltadas ao falar sobre não receberem nenhuma forma de assistência por parte da empresa.

Após conhecer cada mulher, optei por não me tornar íntima delas. A minha proposta, desde o inicio, foi expor um olhar de quem está de fora, de quem não viveu essa realidade, mas que se deixou ouvir e impregnar com todas as emoções impostas com os discursos das mulheres. Essa minha escolha foi devido a não querer me envolver emocionalmente com as histórias, Bill Nichols explica esse posicionamento do documentário participativo.

> Em outros casos, distanciamo-nos da postura investigativa para assumir uma relação mais receptiva e reflexiva com os acontecimentos que se desenrolam e que envolvem o cineasta. Esta última escolha nos leva em direção ao diário e ao testemunho pessoal. (NICHOLS, 2005, p. 158)

Foi difícil selecionar na montagem as imagens que traziam essas características, pois em diversos momentos Dona Mariquinha e Dona Nelci se referiam diretamente a equipe com perguntas e colocações a respeito de nossa vida.

Portanto, o projeto se consolida como um filme do gênero documentário de curta-metragem com duração 18min16seg, gravado em formato digital e colorido. A equipe foi composta por seis membros, sendo parte dela alunos, Bacharel e Docente do curso de Cinema e Audiovisual da UFRB.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Ao projetar a ideia de fazer um documentário sobre viúvas da silicose (termo que utilizei durante o processo de pesquisa, a produção e a pós-produção) busquei um variado corpo teórico para chegar a um conceito fílmico. Dentre eles, incorporo a definição de documentário proposta por Fernão Pessoa Ramos, no livro *Mas Afinal o que é Mesmo Documentário*, o conceito de Jean-Louis Comolli sobre estar sobe o risco do real, no livro *Ver e Poder*, e a nomenclatura utilizada por Bill Nichols para o tipo de documentário que produzi, além de filmes que foram referências em termos de linguagem e abordagem.

2.1. O gênero documentário

A definição de documentário, proposta por Fernão Pessoa Ramos, expõe que o documentário não tem compromisso com a verdade.

> Na medida em que se propõe a estabelecer asserções sobre o mundo histórico, o documentário estará lidando diretamente com a reconstituição e a interpretação de um fato que, no passado, teve a intensidade de presente. A reconstituição, ou interpretação, poderá ser valorada positiva ou negativamente. A noção de verdade, muitas vezes, se aproxima de algo que definimos como interpretação. Se a verdade possui um estatuto epistemológico bem definido nas ciências exatas ou da vida, no caso dos estudos históricos e sociais (nas asserções que estabelecemos sobre fatos passados, por exemplo), a metodologia da abordagem situa-se em outras bases. Podemos constatar que a verdade possui um leque de validades que oscila, e que esse leque se relaciona ao conjunto de fatores que congregam para servir de base à interpretação. (RAMOS, 2008, p.32).

Pensei neste filme, a partir deste conceito, pois a minha ideia aqui não é mostrar a "realidade" da vida dessas mulheres, como elas fizeram para superar a perda ou como vivem hoje, e sim o meu olhar sobre tais histórias, levando em consideração a relevância dos fatos.

Assim, este filme consiste na minha impressão sobre tais histórias é o meu olhar sobre elas, as minhas asserções que são alcançadas através de uma voz, a voz nada mais é do que a maneira de enunciar. "As proposições, as asserções, do documentário são

enunciadas através de estilos diversos, variando historicamente. Há sempre uma voz que enuncia no documentário, estabelecendo asserções." (RAMOS, 2008, P.23).

A voz a qual Ramos se refere passou por transformações no decorrer das décadas. Nos documentários clássicos até o fim da década de 1950 predominava a voz *over*[3] (voz extradiégetica, também conhecida como voz de Deus ou voz do narrador), nos documentários contemporâneos mais criativos essa voz que enuncia geralmente vem em primeira pessoa.

> O filme de depoimentos caminha nessa linha mesmo quando as falas são articuladas pela presença do diretor (caso de Eduardo Coutinho, por exemplo). No documentário contemporâneo clássico, o qual denomino *documentário cabo*, as vozes aparecem misturadas na maneira de postular. A voz do saber, em sua nova forma, perde a exclusividade da modalidade over. Ainda temos a voz over, mas os enunciados assertivos são assumidos por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). O documentário, portanto, se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si. (RAMOS, 2008, p. 23 e 24).

Ao iniciar um filme sem roteiro pré-definido, como os documentários, estamos nos colocando à disposição de todas as possibilidades. Isso é o que Comolli chama estar sobe o risco do real.

> Filmar os homens reais no mundo real significa estar às voltas com a desordem das vidas, com o indecidível dos acontecimentos do mundo, com aquilo que do real se obstina em enganar as previsões. Impossibilidade do roteiro. Necessidade do documentário. (COMOLLI, 2008, p. 176).

Este filme foi realizado nesses moldes, exposto ao risco de real. Após todo o trabalho de pesquisa e as entrevistas prévias, chegamos aos cronogramas por ordem de etapas e de dias, que seriam os guias das filmagens, entretanto, eles foram alterados seguindo as necessidades que surgiram.

Foram muitos os fatores que nos fizeram perceber o impacto de estar lidando com o real, primeiramente a substituição do fotógrafo faltando apenas dois dias do início das gravações fez com que toda a fotografia fosse repensada, pois a nova fotógrafa não tinha experiência com documentários e foi a única pessoa disponível no momento.

[3] Voz extradiegética, conhecida como voz de Deus ou voz do narrador

Entretanto, os fatos que não estavam previstos foram os que mais influenciaram no resultado do filme: a desistência de uma das viúvas, dona Ana, e o comportamento de Dona Mariquinha diante da câmera. Com a desistência de Dona Ana, tivemos que repensar na proposta do filme, que inicialmente seria o relato de três viúvas, que têm trajetórias diferentes.

O projeto inicial era contrapor o discurso de cada mulher. Dona Nelci era ainda muito jovem quando se tornou viúva. Após a morte do seu marido, teve que criar os filhos sozinha. Essa perda gerou sua revolta por perder, ainda muito jovem, o marido e não consegui nenhuma forma de assistência, levando a se tornar a provedora do lar, a groso modo, sendo mãe e pai dos filhos. Dona Mariquinha que ficou viúva com uma idade avançada e suas filhas já não eram mais crianças, a perda do marido impactou-a, diferentemente das demais, pois a solidão vivida atualmente é o que mais lhe marca. Por fim, Dona Ana que perdera o marido, Ranufo, em 2009. Este passou anos dependendo da ajuda de aparelhos para respirar e ela vendo sua doença se agravar constantemente até atingir um câncer que o levara ao óbito.

Com a desistência de dona Ana, essa contraposição dos discursos das viúvas ficou menos visível. O que se sobressaio foi nos relatos de Dona Nelci e Dona Mariquinha foi a vivência delas com seus maridos, como cada uma delas vive hoje e como enfrentaram o período da doença deles.

Assim, a realidade continua sendo a mesma. O que muda agora é a abordagem, como esses discursos vão se desenrolar dentro da narrativa.

> A parte documentária do cinema implica que o registro de um gesto, de uma palavra ou de um olhar, necessariamente se refira à realidade de sua manifestação, quer seja ou não provocada pelo filme, mesmo ele sendo um filtro que muda a forma das coisas. A forma delas, sim, mas não a sua realidade. Realidade referencial colocada antes de tudo pelo cinema documentário e que se impõe a ele como sua lei. (COMOLLI, 2008, p. 170)

Devido todas as circunstâncias, pude constatar que o pensamento de Comolli sobre se colocar ao risco do real é acima de tudo fundamental ao fazer documentário, pois se fechar e não buscar possibilidades, em alguns casos, pode limitar o cineasta. “O projeto documentário se forja a cada passo, esbarrando em mil realidades que, na verdade, ele não pode nem negligenciar nem dominar.” (COMOLLI, 2008, p. 174)

Ainda como base teórica, fui buscar em Bill Nichols a nomenclatura para o modelo de documentário ao qual me propus fazer. Assim, posso dizer que este documentário contém características dos modos observativo e participativo.

> Cada modo pode surgir, em parte, como reação as limitações percebidas em outros modos, como reações as possibilidades tecnológicas e como reação a um contexto social em mudança. Entretanto, uma vez estabelecidos, os modos, superpõem-se e misturam-se. Os filmes, considerados individualmente, podem ser caracterizados pelo modo que mais parece ter influenciado sua organização, mas também podem combinar harmoniosamente os modos, conforme ocasião. (NICHOLS, 2005, p. 63)

Ele se apresenta como observativo nos momentos em que deixo a câmera registrar as mulheres nas suas tarefas do cotidiano. Dona Mariquinha no cuidado de seus gatos e nos afazeres domésticos, Dona Nelcy em seu ateliê de costura e também nos afazeres domésticos. Quanto ao documentário observativo Bill

> A presença da câmera "na cena" atesta sua presença no mundo histórico. Isso confirma a sensação de comprometimento ou engajamento com o imediato, o íntimo, o pessoal, no momento em que ele ocorre. Essa presença também confirma a sensação de fidelidade ao que acontece e que pode nos ser transmitida pelos acontecimentos, como se eles simplesmente tivessem acontecido, quando, na verdade, foram construídas para ter exatamente aquela aparência. (NICHOLS, 2005, p. 150)

O modo participativo pode se apresentar de variadas formas, como por exemplo, a interação e a participação do cineasta na cena.

> A sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta "na cena". Supomos que o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema, e não de generalizações sustentadas por imagens que iludam uma dada perspectiva. Podemos ver e ouvir o cineasta agir e reagir imediatamente, na mesma arena histórica em que estão aqueles que representam o tema do filme. Surge a possibilidade de servir de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provedor. (NICHOLS, 2005, p. 154)

E ainda, através da utilização de materiais de arquivos ou uso de entrevistas. Foi através das entrevistas que busquei ser participativa, é o estar com os atores sociais sem estar na cena, é uma experiência passiva.

> Nem todos os documentários participativos enfatizam a experiência ativa e aberta do cineasta ou a interação de cineastas e participantes do filme. O cineasta pode querer apresentar uma perspectiva mais ampla, frequentemente histórica em sua natureza. Como isso pode ser feito?A resposta mais comum inclui a entrevista. A entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário em *voz-over*. No documentário participativo, a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema. As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de integração, à custa do quadro institucional em que ocorrem e dos protocolos ou diretrizes específicas que as estruturem. (NICHOLS, 2005, p. 159, 160)

2.2. A montagem

A montagem foi pensada de maneira que fosse apresentada primeiramente a cidade, para situar espacialmente o espectador, depois apresentamos as personagens, uma de cada vez, após essa apresentação, através do discurso, mostramos em que as histórias delas se encontram.

> A montagem existe, por certo, em todas as formas de arte, uma vez que é sempre necessário escolher e combinar os materiais com que se trabalha. A diferença é que a montagem cinematográfica junta pedaços de tempo, que estão impressos nos segmentos da película. Montar consiste em combinar peças maiores e menores, cada uma das quais é portadora de um tempo diverso. A união dessas peças gera uma nova consciência da existência desse tempo, emergindo em decorrência dos intervalos, daquilo que é cortado, arrancado ao longo do processo. (TARKOVSKI, 1998, p. 141)

O intuito desta montagem foi aproximar, discursivamente, essas duas mulheres que embora não se conheçam têm algo em comum, que é a maneira como perderam seus maridos e como ambas foram assistidas (ou não) pela Morro Velho, empresa que os maridos trabalhavam.

Como referência fílmica, trabalhei basicamente com *A Falta que me faz (Marília Rocha, 2009)*, que retrata o drama do abandono vivido por cinco mulheres, Valdênia, Alessandra, Priscila, Chirlene e Paloma, pelos seus parceiros, ou seja, ambos os filmes falam sobre perda afetivas, entretanto, perdas distintas. No *A falta que me faz* o que vemos são mulheres que são abandonadas e que não reagem ao abandono, tentam

suicídio, se ferem, tudo em nome do “amor”. Ambos os filmes são produzidos a partir de uma ótica feminina tanto na direção como no próprio conteúdo do filme. Também são recorrentes nestes filmes, *A Falta que me faz* e *Nossa Herança*, falas das personagens em que relacionam suas próprias histórias com as histórias do lugar onde vivem. Foi através do filme de Marília Rocha que pensei na montagem, busquei representar essa interação entre a cidade e a história de vida das personagens.

2.3. O som

Sabemos que a banda sonora no cinema é composta basicamente por fala, ruído e música. Quando o som no cinema foi implantado dividiu a opinião de muitos cineastas, havia aqueles como Charles Chaplin que desaprovavam o uso do som por acreditar que ele iria desvalorizar a sétima arte. Enquanto que outros cineastas como Pudovkin, Eisenstein e Alexandrov defendiam a utilização do som, se este fosse utilizado a favor da montagem, um uso em que imagem e som não se tornassem redundantes, um uso polifônico. Eles acreditavam que o cinema se tornaria mais rico com tal uso.

Passado as discussões sobre o valor do som no cinema, ele se instaurou como parte essencial das narrativas cinematográficas e atualmente vem sendo um campo de estudo amplamente explorado.

No filme, o som foi estruturado de maneira a valorizar os sons ambientes, com suas falas e ruídos, além disso, optamos pela estética do vazio, do silêncio como uma maneira de representar o vazio que restou após a morte dos maridos. Fizemos uma sobreposição de áudios intercalando o som direto com a entrevista. Achamos que o uso da música traria outro sentido ao filme o qual não optamos. Sobre a utilização do silêncio Marcel Martin diz que:

> O silêncio encontra-se promovido como valor positivo, e sabe-se muito bem a função dramática considerável que pode desempenhar como símbolo da morte, de ausência, de perigo, de angústia ou de solidão. O silêncio, muito melhor do que uma música atordoadora, pode sublinhar com força a tensão dramática de um determinado momento. (MARTIN, 2005, p. 145)

Desta forma, podemos notar a importância da criação uma banda sonora, seja ela pautada pela criação da uma trilha musical, pela valorização dos sons ambientes ou pela predominância do silêncio.

3 – RELATO DE PRODUÇÃO.

3.1 – Pré-produção.

Quando decidi fazer um filme sobre a exploração aurífera em Jacobina, não sabia qual abordagem seguir, então passei a pesquisar primeiramente e principalmente na *internet*, buscando informações sobre o tema em determinados *websites*. Encontrei o texto *Tecendo as narrativas: Trabalho, história e silicose nas minas de ouro*, da professora doutora Sara Oliveira Farias. Procurei a bibliografia utilizada por ela no referido texto e cheguei à sua tese *Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina* que culminou em um livro homônimo e foi minha principal fonte de pesquisa bibliográfica a cerca do tema. Para cada fase da minha pesquisa, explorei um capítulo específico do livro. Primeiro, busquei entender qual o momento histórico que passava a cidade e como se configurava o trabalho nas décadas de 1980 e 1990. Depois, procurei me informar do que se tratava a doença, suas características, forma de contração, possíveis tratamentos e como os Órgãos de saúde (DIRES e CESAT) viam o problema.

Ainda nesse processo de investigar como se deu a descoberta e as causas da doença, procurei o Sindicato dos Mineiros de Jacobina, onde conversei com um dos membros, o Sr. José Primo, ex-mineiro e atualmente parte do Conselho Municipal de Saúde. Entrevistei também Raimundo Nonato dos Anjos, ex-mineiro e portador da silicose. Fizemos uma entrevista em forma de conversa que durou cerca de uma hora e meia, na qual revelou como eram as condições de trabalho, a perseguição que sofria e a falta de assistência por parte da empresa. Procurei a professora Dra. Sara Fatias, que na época em que fez sua tese era docente na Universidade Estadual da Bahia em Jacobina, para conversamos sobre a sua pesquisa.

Após as investigações bibliográficas e as conversas que tive com as pessoas citadas, consegui definir meu objeto. O filme seria sobre as viúvas: quem são elas, como vivem e o que fazem. Ninguém melhor do que elas, que vivenciaram de perto a jornada de trabalho, o diagnóstico da doença e o período de convalescência dos maridos, para trazer essas questões à baila.

Definido o tema do filme, passei a tentar encontrar essas mulheres. Tenho que confessar que foi a fase mais difícil da pesquisa, pois não há um banco de dados com a catalogação dessas esposas. Então, meu pai Alfredo, que foi o produtor local do filme,

conseguiu localizar e marcar uma entrevista com Dona Nelci Felícia Lima. Por meio dela, conseguimos o contato de mais três viúvas: Francisca, que se mostrou interessada em participar, mas acabou viajando e perdemos o contato; Edinilza, que preferiu não participar, pois disse que se relembrar seria reviver toda a dor da perda; Conceição, que é do Rio Grande do Norte e retornara à sua cidade natal após a morte do esposo. Localizei também as senhoras Iraildes, que não consegui o consenso entre as filhas para participar do filme; Ana, que de última hora desistiu de participar, e a senhora Maria Jesus da Silva (Mariquinha) que faz parte da narrativa.

Fui ao encontro de todas elas e fiz uma entrevista prévia em forma de conversa para ver qual se adequava ao projeto do filme e qual gostaria de participar. Assim, ficou a critério das mesmas sua participação ou não no documentário. Pelas questões acima citadas contamos apenas com a participação de Nelci e Mariquinha.

Durante o processo de pesquisa, estabeleci contato com muitas fontes: vizinhos, membros do sindicato, viúvas e ex-mineiros. Através dessas fontes fui informada que três homens haviam falecido durante a pré-produção do filme. Por se tratar de mortes recentes optei por não encontrar as famílias desses ex-mineiros.

Outra informação que chegara a mim durante a pesquisa foi que o sindicato registrou três novos casos de trabalhadores, da empresa Yamana Gold, atual responsável pela extração aurífera, que contraíram a silicose.

Para poder ter mais autonomia em relação a abordagem optei por não pedir patrocínio. Desta maneira, contei apenas com a contribuição financeira dos meus pais para suprir os custos da produção (Ver tabela 1 – custos da produção).

Tabela 1 – Custos da produção

Item	Valor Unitário	Valor Total
Cabos XRL	21.75	65.25
Pilhas Duracel AAA	6.50	26.00
Água	1.00	20.00
Transporte local TÁXI	12.00	60.00
Transporte local coletivo	2.60	25.20
Transporte intermunicipal	45.00	90.00
Mídias DVDs	1.50	7.50
Capas DVDs	0.90	4.00
Impressão de Capa	2.00	10.00

Impressão de mídia	1.00	5.00
Alimentação	15.00	90.00

Definidos tema, abordagem, que seria basicamente entrevista e alguns momentos voyeurísticos e as participantes, partimos para a escolha da equipe. Esta, por limitações de produção, foi uma equipe reduzida contando com uma diretora, um produtor local, uma fotógrafa, um técnico de som direto, uma editora de som e um montador e finalizador do filme.

Durante a escolha da equipe, convidei Gleydson, um colega do curso, para fazer a fotografia, visto que, ele possui vasta experiência em cinema e filmagens em geral, entretanto, faltando apenas dois dias para a gravação, ele desistiu de participar. Procurei exaustivamente por outro colega do curso que pudesse substituí-lo, pelo tempo curto não consegui levar ninguém. Durante a procura por alguém, recordei-me de uma antiga colega do colégio, Tainã, cujo pai trabalhava com filmagens de eventos na cidade de Jacobina e ela o acompanhava fotografando. Entrei em contato com ela que se dispôs a participar das filmagens. Entretanto, ela não tinha nenhuma experiência com cinema e isso acabou, de alguma maneira, afetando na fotografia do filme.

No dia 30 de janeiro, um dia antes da viagem, fui ao NUAC retirar os equipamentos reservados com um mês de antecedência (ver tabela 2 – Lista de equipamentos).

TABELA 2 – Lista de Equipamentos.

Fotografia	Som
1(um)Câmera Nikon D 7000	1(um) Sistema Blimp Completo
1(um) Bateria Extra	1(um) Microfone MKH 50
1(um) Grip	1 (um) Gravador Tascam DR 40
1(um) Tripé	6 (seis) Pilhas AA
1(um) Lente 85 mm	3 (três) Cabos XLR
1(um) Lente 60mm	1(um) Gravador PCM
1(um) Lente 100mm	1(um) Cartão de memória
1(um) Cartão de memória	1(um) Cabo USB

	1 (um) Headphone

3.2 – Produção.

3.2.1 – Primeira etapa de filmagens em Jacobina.

As gravações foram divididas em duas etapas. A primeira etapa para os dias 01 e 02 de fevereiro e a segunda etapa para os dias 14 e 15 de fevereiro. Esse intervalo foi para que pudéssemos assistir o material gravado na primeira etapa e ver o que faltou, para ser gravado na segunda etapa. Além de ter o propósito de dar um descanso à equipe. Na manhã do dia 31 de janeiro, eu e Ronne (o técnico de som) saímos do CAHL no carro da UFRB às 8 horas. Chegamos em Jacobina no início da tarde, almoçamos e logo em seguida começamos os trabalhos.

Levei Ronne para conhecer a cidade e ter uma ideia de como seriam os próximos dias. Reuni-me com Tainã (a fotógrafa), expliquei detalhes do filme como: qual o enquadramento, quem seriam as nossas "personagens", onde gravaríamos e os horários. Para finalizar os trabalhos no dia da chegada, fui à casa de uma das personagens, Dona Maria (Mariquinha), conversar sobre a gravação do dia seguinte, mas ela não estava, portanto, a visita ficou marcada para o dia seguinte pela manhã, visto que, a gravação em sua casa estava marcada para tarde.

No primeiro dia de gravação, não conseguimos seguir o cronograma (ver tabela 3-Cronograma da Primeira Etapa de filmagem), pois o dia amanheceu chuvoso e as gravações pela manhã seriam imagens da cidade. Após estiar, fui confirmar com Dona Maria a gravação para tarde.

TABELA 3 – Cronograma da primeira etapa de filmagem.

DIA 01.02	DIA 02.02
09h00min Filmagem pela cidade	07h00min Filmagem do Alto Do Monte Tabor
12h00min Almoço	09h00min Filmagem com Dona Nelci em casa
14h00min Chegada a casa de Dona Marquinha e início das filmagens	12h00min Almoço
18h00min Encerramento das filmagens	14h00min Retorno a casa de Dona Nelci e seu ateliê
	16h30min fim da Filmagem

À tarde, fizemos a entrevista com a nossa primeira “personagem”, Dona Maria. Ela ficou tímida com a presença da câmera, sem jeito, mas tivemos bons momentos. Gravamo-la em sua rotina, com seus companheiros (gatos e papagaio) e fizemos uma entrevista de maneira mais tradicional com perguntas direcionadas. O papagaio de Dona Mariquinha atrapalhou a captação de som, em alguns momentos os berros do bicho são mais altos que a fala da personagem nos causando um problema que não teve como ser sanado na pós-produção. Além disso, fizemos imagens da casa vazia, com o intuito de evidenciar o vazio que a personagem sente com a falta do marido e do convívio familiar. Por problemas técnicos, as imagens ficaram escuras, algo que só percebemos posteriormente, mas que foi corrigido na pós- produção.

Após a gravação na casa de Dona Maria, fomos gravar pela cidade, gravamos na Avenida Beira Rio, no alto do monte Tabor e, finalizamos, no alto da Missão. Essas imagens ficaram igualmente escuras como as da casa de Dona Maria, porém com o tratamento na pós-produção isso foi resolvido.

No segundo dia de gravação, mais uma vez não conseguimos seguir o cronograma, isso porque as gravações marcadas para o turno da manhã já tinham sido feitas no dia anterior. Além disso, estava previsto filmar no ateliê em que dona Nelci trabalha, mas um problema na porta do local nos impediu de realizar as imagens.

Eu e Ronne chegamos à casa de Dona Nelcy às 10h30min. Começamos a montar os equipamentos e logo em seguida Tainã chegou. Então, começamos a filmar imagens de dona Nelcy no seu cotidiano do lar, em seguida, partimos para a entrevista que foi bastante proveitosa, pois ela além de mostrar desenvoltura na presença da câmera, pôs para fora todo o drama da sua vida. Através de sua memória, recordou os momentos que vivera feliz em família e que por conta da doença e da morte do marido se tornaram um “pesadelo” e relembrou dos momentos de luta e de dificuldades que viveu com os filhos. Após a entrevista, fizemos um plano de Dona Nelci na porta de casa, logo, tivemos a ideia de fazer esse mesmo plano seguindo o mesmo enquadramento, de outras mulheres (Ver anexos) que não precisavam ser viúvas. Esses planos serviram para dar a noção de que muitas mulheres compartilham a “história” das nossas personagens. Tendo em vista sua proximidade entre Dona Nelci e sua filha optamos também por entrevistar esta, afinal quanto mais opções de material para a montagem, melhor.

Ao finalizar as entrevistas, saímos para fazer imagens pelo bairro, registrando o cotidiano do lugar. Neste momento, encontramos uma casa que estava havendo um velório, fizemos imagens da fachada da casa. No início da tarde encerramos as

filmagens. No fim da tarde, retomamos as gravações. Fizemos planos da entrada da cidade e dos bairros Bananeira, Mariz e Missão. Assim, encerramos a primeira etapa de gravação.

3.2.2. Segunda etapa de filmagens em Jacobina.

Na semana da gravação, fiz um cronograma (ver Tabela 4 – Cronograma da Segunda Etapa) e o enviei para a equipe, no qual priorizei filmar no dia da chegada, 14 de fevereiro (sexta-feira), e no dia seguinte 15 de fevereiro (sábado), com o intuito de deixar o domingo para o descanso. Entretanto, não foi possível seguir o cronograma, pois tivemos uma série de imprevistos que nos obrigou a mudar os planos.

TABELA 4 – Segunda etapa de filmagem em Jacobina

DIA 14.02	DIA 15.02
16h00min Gravação no ateliê de dona Nelcy.	06h30min Imagens na feira.
17h00min Confirmação de gravação com dona Ana.	07h40min Café da manhã.
	08h40min Início da gravação com dona Ana.
	12h00min Fim da gravação.
	17h3min Gravação nos bairros.

Ronne e eu saímos de Cachoeira, no dia 14 às 8h30min da manhã em direção a Jacobina no transporte cedido pela UFRB. Chegamos à cidade no início da tarde, almoçamos, descansamos e no final do dia, saímos pelo bairro que estávamos instalados, Catuaba, para fazermos umas imagens do bairro e também de mulheres nas portas de casa.

No dia da chegada, liguei para Dona Ana para fecharmos os detalhes da nossa entrevista. Ela pediu para remarcarmos para o domingo, pois o sábado era muito corrido, então assim o fizemos. Durante o sábado, fiz diversas tentativas de localizá-la, fiz muitas ligações, fui a sua casa e ainda assim não a encontrei para fecharmos o nosso encontro do dia seguinte, explicar como seria a filmagem, como era a nossa abordagem, falar sobre a equipe, enfim, afinar a gravação. Entretanto não foi possível.

Pela manhã, fomos gravar na feira livre com o intuito de mostrar a cidade. De lá, fomos para o ateliê de Dona Nelcy para filmá-la enquanto trabalhava e, assim, finalizar

a sua participação nas gravações. No fim da tarde, fizemos novamente imagens de mulheres nas portas de casa.

Para o dia seguinte, estava prevista a entrevista com Dona Ana, porém de última hora ela não quis participar do filme e, como era necessário o relato de mais uma mulher, recorri à Dona Lia, uma conhecida que também é viúva, que aceitou participar do filme.

Filmamos Dona Lia na manhã de segunda-feira. Fizemos uma entrevista em que ela relatou, entre outras coisas, como era o convívio com o marido e com as filhas. Depois, registramos, um pouco, a sua rotina diária. Com este último relato encerramos as filmagens.

3.3 Pós-produção

3.3.1Finalização / edição.

Duas pessoas se dividiram na etapa finalização do filme André Lima e Marina Mapurunga. André ficou responsável pela montagem e finalização das imagens e Marina pela a edição do som.

Durante a decupagem das imagens na montagem, vimos que apenas os relatos de Dona Maria e Dona Nelci condiziam com a proposta do filme, e assim iniciamos a montagem do filme com essa duas mulheres. Após a etapa de decupagem, tracei o que chamo de “apontamento sobre o material bruto”, o que seria um roteiro. Não denomino isso de roteiro, pois este apontamento é apenas um guia, é minha ideia sobre o filme e sobre as imagens “brutas”, é a maneira que encontrei de me distanciar para dar liberdade ao montador, para ele tirar suas próprias impressões e assim possa imprimir a sua marca no filme.

Após ver todo o material André entrou em contato comigo e marcamos o nosso primeiro encontro. Nós nos encontramos seis vezes para discutirmos a montagem e fazermos juntos.

No primeiro encontro, ele pediu para que eu especificasse o que eu queria com o filme, qual seria o trajeto da montagem. Propus que começássemos do macro para o micro, apresentando primeiro a cidade com imagens amplas, depois imagens de ruas e bairros. Posteriormente colocamos imagens de mulheres em portas de casas até aparecer a nossa primeira personagem, Nelci. Entramos na casa e na vida dela, depois, aparecem

mais mulheres na mesma posição e novamente apresentamos a segunda personagem, Mariquinha, que da mesma maneira entramos na sua vida.

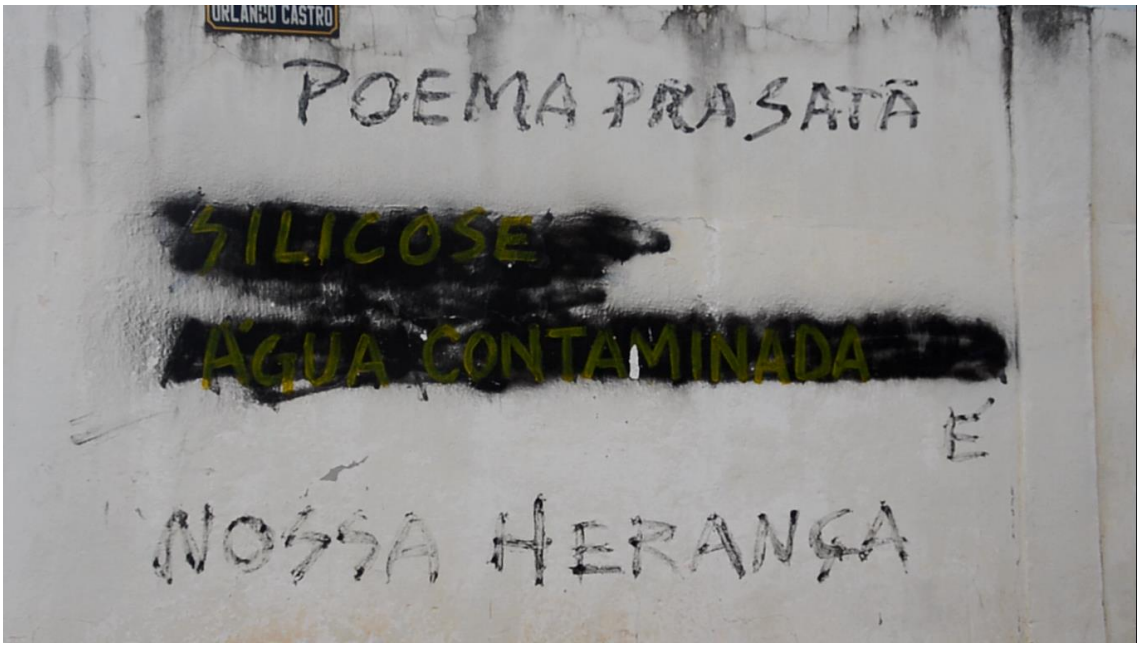
Durante o processo de montagem, vimos que para compor o filme era necessário algum material de arquivo e algumas imagens que faltaram serem filmadas como a Dona Mariquinha e outras mulheres na porta de casa. Com este propósito, viajei para Jacobina, dessa vez sozinha, retornei à casa de Dona Mariquinha e fiz as imagens que faltavam com ela e com outras mulheres. Também fui em busca de algum material de arquivo, no Arquivo Público Municipal de Jacobina, onde encontrei apenas duas matérias de jornais falando sobre a mineração. Antes de retornar a Cachoeira, pedi que meu pai fosse em busca de um vídeo sobre os mineiros, gravado pelo professor da UNEB, Jerônimo Jorge, na década de 1990, que está no arquivo da Universidade no CAMPUS IV em Jacobina, infelizmente este vídeo não foi encontrado.

Através da *montagem paralela*[4] fomos unindo os diálogos de maneira que o discurso de uma personagem complementasse o discurso da outra, e assim o filme alcançasse uma unidade narrativa.

Até o penúltimo encontro, ainda não tínhamos um nome para o filme. Assistimos ele no intuito de encontrarmos seu título. Então, vimos uma pichação em uma parede com a seguinte frase "poemas para satã: silicose água contaminada é nossa herança" (Ver Ilustração 3 – pichação na parede). Daí, debruçamo-nos sobre essa frase. Começamos a pensar: qual teria sido a herança deixada pela Morro Velho? Qual herança essas mulheres haviam recebido? Essa tal "herança" tem valor até que ponto? Foram essas reflexões que nos levaram a decidir por esse título. São essas mesmas indagações que, de alguma maneira, o filme trata. Ainda persiste a questão da indenização recebida por umas mulheres e por outras não.

Ilustração 3 – Pichação na Parede

[4] A montagem paralela alterna planos para criar um novo significado implícito na cena



Fotógrafa: Tainão Milena

Ao finalizarmos o último corte, mandamos para Marina para que ela fizesse a edição do áudio, enquanto André fazia a correção de cor, a finalização do filme e a arte da capa. Marina e eu conversamos sobre como seria a edição do som, assim, optamos por valorizar os sons ambientes, com seus ruídos e falas, o silêncio também foi bastante utilizado. Devido à greve dos técnicos administrativos da UFRB, não pudemos utilizar o estúdio para poder gravar a música que estávamos pensando em pôr no fim filme. Logo, optamos por deixar somente a fala de Dona Nelci e o silêncio para o encerramento do curta-metragem.

4. Conclusão.

Realizar um filme, seja de qual duração e gênero for, ficção, documentário ou experimental, de longa, média ou curta metragem, não é tarefa fácil para um cineasta brasileiro principiante. E eu, como estudante de cinema, senti a necessidade de experimentar e conhecer todas as dificuldades que cercam esse processo.

Dessa maneira, decidi por realizar um documentário como forma de Trabalho de Conclusão de Curso para poder viver essas experiências, pois acredito que o momento mais indicado para os acertos e os erros é dentro da Universidade, é nesse espaço que temos a possibilidade de reconhecer e consertar os erros.

Foram muitas as dificuldades encontradas durante o processo, desde a pesquisa até a finalização do filme. Dentre elas, posso citar o fato de realizar um filme sem nenhuma forma de financiamento e com gastos que ultrapassavam a quantia de dinheiro disponível para suprir todas as necessidades da produção. Além disso, com a falta de dinheiro, não tinha como custear uma equipe com todos os profissionais necessários como, por exemplo, um fotógrafo, um assistente de direção, um produtor experiente e um diretor de arte.

A falta de um fotógrafo experiente acarretou diversos problemas técnicos ao filme. Contanto, a fotografia teve que ser reestruturada e ainda assim tivemos muitas falhas. Há o problema da falta de foco em muitos momentos das entrevistas e uma instabilidade no diafragma que faz com que haja uma oscilação na iluminação da cena.

Uma das formas de possivelmente evitar os defeitos era adiar as filmagens até encontrar alguém com experiência que se dispusesse a substituir o fotógrafo desistente, mas o prazo já estava apertado e todas as demandas de pré-produção já estavam concluídas. Então, o que nos restou foi resolver o que era possível na pós-produção e amenizar essas falhas técnicas. Entretanto, a relevância da história ultrapassa essas questões técnicas. O drama vivido por essas mulheres fez com que estes problemas fossem detalhes e não o fator central do filme. O que aprendi principalmente com tais experiências foi pensar sempre num segundo plano e contar com um substituto de cada profissional, sempre que possível. Isso diminuirá as chances de uma improvisação.

Certamente, se não fosse através dos conhecimentos adquiridos dentro do curso de cinema, jamais teria como realizar este filme, pois foi através de tais conhecimentos que

pude participar ativamente de cada etapa do processo. Durante o processo criativo, busquei seguir o que aprendi como método de pesquisa. Primeiro, buscando referências teóricas. Depois, ir a campo e durante a produção e pós-produção conduzindo a equipe de forma que pudéssemos otimizar o nosso tempo e "colher o máximo de frutos possíveis".

O filme foi realizado como uma forma de relembrar uma parte da história de Jacobina. Com ele, pretendo alertar para o problema que a silicose causou na vida de muitas pessoas, sobretudo, dessas e de muitas outras mulheres que sofrem até hoje a perda de seus maridos. *Nossa Herança* é voltado para um público amplo, para que em todos os âmbitos, escolas, Universidades e na sociedade em geral, ele possa suscitar discussões sobre o papel que a mineração exerce em Jacobina, e mesmo em outros lugares, e os impactos gerados pela implantação da mineração. Este filme é "um ponta pé" para uma gama maior de discussões.

Após a finalização total do filme, pois ele ainda será legendado, farei exibições públicas pelos variados pontos da cidade de Jacobina, propondo um debate aberto acerca da sua temática e do processo de produção do filme.

Certamente, algumas mudanças ainda acontecerão, mas podemos observar que desde já o documentário *Nossa Herança* possui uma estrutura narrativa conquistada com muita dedicação e empenho de toda a equipe.

Referência Bibliográfica

CANELAS, Carlos. Artigo **Os Fundamentos Históricos e Teóricos da Montagem Cinematográfica: os contributos da escola norte-americana e da escola soviética.** Instituto Politécnico da Guarda.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e Poder, a Inocência Perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Texeira, Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

COSTA, Fernando Morais. Artigo **Pode o Cinema Contemporâneo representar o ambiente sono em que vivemos?** Rio de Janeiro 2008.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido, tradição e transformação do documentário.** Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

EISENSTEIN, S.M.; PUDOVKIN, V.I.; ALEXANDROV, G.V. **Declaração sobre o futuro do cinema sonoro.** Em: EISENSTEIN, S.M. A forma do filme. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos e Tramas na Minas de Ouro de Jacobina.** Recife: Ed Universitária da UFPE, 2008.

JEAN, Claude Bernadet, **Cineastas e Imagens do Povo.** São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

JESUS, Rios Zeneide. **Artigo Eldorado Sertanejo Garimpo e Garimpeiros nas Serras de Jacobina (1930-1940)** 2005.

MATIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica.** Trad. Lauro Antônio e Maria Eduarda Colares. Lisboa: Portugal, 2005.

MIGLIORIN, Cezar. Artigo **Igualdade Dissensual: Democracia e biopolítica no documentário contemporâneo.**

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário, Da pré-produção à pós-produção.** Campinas, SP: Papirus, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa, Mas Afinal... O que é Mesmo Documentário? São Paulo, Ed. Senac São Paulo, 2008.

TEXEIRA, Elinaldo (organizador), **Documentário no Brasil: tradição e transformação.** São Paulo: Summus, 2004.

TARKOVSKI, Andrei Arsensevich. **Esculpir o Tempo.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

Filme de Referência

A Falta que me Faz – Marília Rocha (2009) Brasil 1h20min

Viajo Porque Preciso Volto Porque Te Amo (2009) Brasil 1h20min – Marcelo Gomes

Andarilho – Cao Guimarães (2007) Brasil 1h20min

Os Catadores e Eu (2000) Franaça 1h22min – Agnés Varda

Anexos

Maria Soares

Fotógrafo: Ronne Portela

Francisca Jucéila

Fotógrafa: Micaela Brandão

Maria de Lourdes

Fotógrafa: Micaela Brandão

Anizaildes Cardoso

Fotógrafo: Ronne Portela

Maria das Graças

Fotógrafa: Micaela Brandão

Leonice Nascimento

Fotógrafa: Micaela Brandão